

Sebastião de Morais, S. J., o confessor da Princesa de Parma

I - Evidentemente, não vamos ocupar-nos aqui, com alguma precisão, senão de dois momentos da biografia daquele que, institucionalmente - o que não quer dizer apenas *ad honorem* -, foi o confessor de Maria de Portugal desde que esta se embarcou, em 14 de Setembro de 1565, com destino, via Bruxelas, a Parma de que se tornara princesa, ao casar com Alexandre Farnese, até que ela morre em 8 de Julho de 1577. E se escrevemos o confessor é por nos lembrarmos, apesar de não poder precisar nem mais nem melhor a informação, que Sebastião de Morais, alguma vez, aludirá aos «confessores» da princesa - «tanto che spesso pareva à confessori, ch'ella eccedesse, e la riprendevano...»¹ —, um plural que não deverá ser uma fórmula de desprotagonizar o seu cargo e a sua influência pessoais, pois temos, forçosamente, que admitir que não só durante ausências suas - em Roma, por exemplo -, mas também, entre meados de 1571 e 1576, anos em que esteve fora de Parma, alguém o terá substituído. Os dois momentos a evocar são, assim, como já teremos suspeitado, o da sua viagem até Parma e o da agonia e morte da princesa Maria, que coagularam em duas importantes cartas. De passagem, procuraremos juntar, com alguma ordem, dados biográficos conhecidos², mas dispersos, sobre o confessor português da princesa de Parma.

Convirá antes de mais lembrar que os dados para estudar biografica-

¹ Sebastião de MORAIS, *Vita, e Morte della Serenissima Principessa di Parma, et Piacenza*, Bologna, Alesandro Benacci, 1578, 8v. (Citaremos sempre esta obra por *Vita...*).

² António FRANCO, *Imagem da Virtude em O Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra*, Évora 1719, I, 1, 34, 105-119, apresenta uma ordenada, mas vaga, síntese biográfica de Sebastião de Morais.

mente este jesuíta nascido no Funchal à roda de 1534, e entrado na Companhia em 1550, abundam para o período que vai do seu regresso a Portugal, em Outubro de 1580, como provincial, com o encargo secreto de reformar o governo da província e de restaurar o antigo fervor - decaído pelo grande número de admissões e, quase consequentemente, pelo grande número de saídas³ -, até ao dia da sua morte, de peste, ao largo da Ilha de Moçambique, em 19 de Agosto de 1588, quando se dirigia ao Japão na qualidade de bispo de Funay⁴. São, porém, até agora, escassos - melhor, talvez, extremamente escassos - os elementos biográficos precisos para os tempos que vão da sua passagem pelo Colégio das Artes, num momento em que por lá passam alguns dos membros da Companhia que, pela sua vida e obra, deram, nesses anos, um tom indelével à vida da província portuguesa do instituto inaciano e mesmo à espiritualidade desses tempos em Portugal⁵, até à data do seu regresso depois da morte da princesa⁶. Claro,

³ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, II, 1, Porto, 1938, 404-405, informa que Sebastião de Moraes tinha um irmão, Luis de Moraes, também jesuíta, que chegou a fugir da Companhia e foi pregador de alguma fama, nascido, segundo C. SOMMERVEGEL, *Bibliothèque de la Compagnie de Jesus*, V, Bruxelles-Paris, 1894, 1279, no Funchal em 1545, ensinou Gramática. Filosofia, Teologia Moral, veio a ser reitor da casa do Porto e propósito de Vila Viçosa, tendo falecido em Bragança em 1622.

⁴ Gaspar de CASTRO, *Carta do Irmão... sobre a morte do Padre Sebastião de Moraes primeiro bispo do Japão que foi provincial da Companhia seis annos em Piirtuguai escripta de Goa a 3 de septembro del588 in Memorial de Várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus* (Reconstituição do texto e nota preliminar de José Pinto), Porto, 1942. 147-159. Gaspar de Castro, que depois, se fez sacerdote, conta que durante a viagem para o Japão Sebastião de Moraes «era tão amado, e estimado de todos que chegarão alguns a fazerlhe versos em seu louvor, assi em latim como em portuges, e avia enveja sobre quem os fazia melhor». Conf. *Carta do Irmão... sobre a morte do Padre Sebastião de Moraes...* in *Memorial de Várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus...*, ed. cit, 152. António FRANCO, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus no Real Collegio de Jesus de Coimbra...*, ed. cit., 1, 1,35, 108-110 publicara já esta carta.

⁵ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, I, 1, ed. cit., 588 permite apurar alguns dos notáveis condiscípulos de S. de Moraes admitidos ao grau de mestre pelo Colégio das Artes, em 1556: Marcos Jorge, Pedro da Fonseca, Pêro Gomes, Jorge Serrão, Domingos Cardoso e Inácio Martins, todos eles de grande relevo na história cultural da segunda metade do século XVI em Portugal.

⁶ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, I, 1, ed. cit., 327-328, 472, 588, 354-355 fornece alguns dados para a biografia

sabemos que, leu «casos» três vezes por semana, no colégio de S. Roque de Parma, para os de dentro e os de fora...⁷, que, durante algum tempo, pelo menos, não pôde confessar, porque «non intende la lingua»...⁸, professou em Brescia (2.2.1569)...⁹, foi reitor do mesmo «pequeno colegio» desde 1569 até 1571..., visitador da província jesuítica da Lombardia...¹⁰, «companheiro» do bispo de Montefeltro durante a visita às dioceses da Romagna..., vice-reitor do colégio de Brera¹¹... e, como já aludimos, que andou por Roma em mais de uma ocasião¹². E por esses anos de 1570,

de Sebastião de Morais neste período, tal como D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, Lisboa, 1747 (aliás, Coimbra, 1966), 695-696. Conf. ainda, D. António Caetano de SOUSA, *Agiológio Lusitano dos Santos, e Varões Illustres em Virtude do Reino de Portugal, e sitas Conquistas*, IV, Lisboa, 1744, 81-84

⁷ Mário SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Itália, V (L'Opera di Francesco Borgia - 1565-1572)*, Roma, 1992, 316-320

⁸ Assim escrevia o superior do colégio de S. Roque de Parma ao Geral da Companhia era 1566, segundo documentação aduzida por Mário SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Itália, V, L'opera di Francesco Borgia, 1565-1572*, ed. cit., 317.

⁹ Mário SCADUTO, *Calalogo dei Gesuiti d'Italia (1540-1565)*, Roma, 1968, 162.

¹⁰ Francisco RODRIGUES. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I, 1, ed. cit.. 472.

¹¹ Mano SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù, V (l'opera di Francesco Borgia, 1565-1572)*, ed. cit, 320, n° 31.

¹² Sebastião de Morais deverá ter ido a Roma algum tempo depois de ter chegado a Parma, como combinou com o Geral, segundo ele mesmo conta na *Carta de Parma pera hum Padre de Sam Roque a 12 de Agosto de 1566 in Memorial de Várias Canas e Cousas de Edificação dos da Companhia de Jesus*, ed. cit., 60-69: «O Padre Geral me escreveu que agora polas calmas não me movesse e passadas nos viríamos em Roma...» (pág. 69; citaremos sempre este texto por *Carta peia hum Padre de Sam Roque...*): depois, terá voltado em 1572, talvez, isto é, no final da «visita» do bispo de Montefeltro às dioceses da Romagna; é muito possível que, novamente, lá terá estado antes de regressar a Parma para acompanhar a princesa nos seus últimos tempos. Curiosamente, ele que, à chegada a Parma, dizia ter encontrado «hum Padre Português que se chama Gaspar Rodriguez que ha muitos annos que por ca anda e fala tam bem portuges como eu italiano» (Conf. Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*), ainda em 1566, não podia confessar, porque, naturalmente, como escrevia o reitor do colégio dos jesuítas de Parma, «non intende la lingua» (Conf. Mario SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Itália, V L'Opera di Francesco Borgia, 1565-1572*). ed. cit., 217, n° 12), mais tarde parece ter conservado em Portugal uma certa «italianização». já que, como escreve Gaspar de Castro, sempre, durante a viagem para o Japão, repetia *laxate* [lasciate] *far a Dio...* Conf. *Carta do Irmão... sobre a morte do Padre Sebastião de Morais... in Memorial de Várias cartas e cousas de edificação dos da Companhia de Jesus....*, ed. cit.. 150.

Pedro Ribadeneira, visitando, por sua vez, o colégio de Parma, opinava que o superior da casa e confessor da princesa, embora «huomo nuovo in simili manegi», era «buono, dotto, prudente, amato dai fratelli e stimato di fuora...» e desempenhava o cargo a satisfação¹³. Mas o biógrafo de Inácio de Loyola acrescenta: «...però maninconico, e inesperto, più presto inchinato alia quiete degli studi che alla sollecitudine del governo...». E os companheiros de casa, achavam o ministro «molto retirato e [que] non conversa...»¹⁴, estilos que não o fariam tão estimado como supunha Pedro Ribadeneira, ainda que na cidade o fosse em homenagem à princesa¹⁵... André Avellino, porém, que seguramente o conheceu, não lhe regateia elogios. Refere-se-lhe a D. Maria como «suo prudente padre»..., «suo dolce e amorevole padre»¹⁶... Mas o teatino napolitano era um santo, e dizia sempre bem de todos... Isto entre meados de Junho e começos de Agosto de 1571... Por estas datas, o santo ainda não saberia que, como aludimos, Sebastião de Morais tinha sido dado como «companheiro» ao bispo de Montefeltro, Giovanni Francesco Sormani, durante as visitas que ia fazer às dioceses da Romagna, e que não deveria voltar tão cedo a Parma... Com efeito, cerca de um ano depois (1572/1573), regressou o jesuíta português a Roma, tendo, então, sido destinado a Milão «per aiutar quella opera grande che si comincia...». Somente com esta finalidade de ajudar ao grande colégio de Brera? A documentação parece indicar que também «per non tornarlo a imbiar a Parma...»¹⁷, isto é, se mal não lemos, para o afastar de Parma. Quem o terá substituído como confessor de D. Maria? Terá alguma vez regressado para junto da princesa? Se à primeira pergunta não sabemos responder senão com meras hipóteses, à segunda pensamos que não se pode deixar de responder afirmativamente. Mesmo que não possa-

¹³ Pedro RIBADENEIRA, *Epistolae aliquae scripta inedita*, Madrid, 1920-1923, I, 688; Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*, I, 1. ed. cit., 472 cita esta passagem da carta de Ribadeneira. mas com alguma omissão, nomeadamente do texto que se segue e que citamos.

¹⁴ Mário SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Itália*, V, (*L'opera di Francesco Borgia, 1565-1572*), ed. cit., 318, n° 13.

¹⁵ Mário SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Itália*, V, (*L'opera di Francesco Borgia, 1565-1572*), ed. cit., 319.

¹⁶ Andrea AVELLINO, *Lettere*, Nápoles. 1731. 1, 65, 158; I, 66, 159, a Maria de Portugal, Piacenza, 9.7.1571 e 1.8.1571, respectivamente.

¹⁷ Mário SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Itália*, V, (*L'opera di Francesco Borgia, 1565-1572*), ed. cit., 320, n° 31.

mos datar melhor, parece possível manter que uma das suas alusões em *Vita e Morte della Serenissima Principessa di Parma et Piacenza* (1578)... a um dos seus regressos de Roma a Parma se deverá situar nesse período posterior a 1573/74, anos em que esteve de vice-reitor em Brera. Com efeito, nesse momento, a princesa fez-lhe notar as mudanças que se tinham introduzido na cidade no domínio das práticas da oração¹⁸, o que, segundo cremos, sugere um regresso depois de uma larga ausência, já que mudanças desse tipo não parece que, normalmente, se notem em breves ausências, já que demandam alterações e enraizamentos de novos hábitos... O que exige tempo... De qualquer modo, seria ainda possível avançar que, como já tivemos em conta, o seu regresso se teria verificado entre os fins de 1576 e começos (?) de 1577, pois, segundo declara o próprio Sebastião de Moraes, «quando io tornai da Roma, ella mi diceva, che l' hora moriva volontieri per varii rispetti, de quali un era per vedere, e conversare in Cielo con la Madre...»¹⁹. Ora, a mãe da princesa, a infanta Isabel, morreu em 16.9.1576, o que permite datar essa confiança e, logo, o seu regresso depois desses dias... A ser assim, Sebastião de Moraes, poderá ter regressado a Parma a quando dos começos da última doença da princesa. De todos os modos, estava junto dela nos princípios de Junho de 1577, pois desse momento parecem datar as mais recentes das suas recordações dos últimos dias de Maria de Portugal²⁰. Longe ou perto, estamos em que o jesuíta português ficou sempre lembrado como *o* confessor da princesa de Parma... E, por ter de estar presente à execução do testamento da princesa nas partes em deveria intervir, pela cidade deverá ter ficado algum tempo²¹...

À falta de outro tipo de elementos, terá, por isso, algum interesse tentar, antes de mais, chamar a atenção para o clima das relações pessoais e, consequentemente, sociais — de corte, se preferirmos — em que se cumpriu a sua função de confessor, recorrendo à que nos parece, desde este ponto de vista, a mais precisa das fontes: os testamentos da princesa.

¹⁸ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 18v.

¹⁹ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 22r.

²⁰ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 23r: «Sua Altezza mi disse al principio di Giugno, Padre sono cinque mesi, ch'io giaccio in letto...».

²¹ Mário SCADUTO, *Storia della Compagnia di Gesù in Itália. V, (L'Opera di Francesco Borgia, 1565-1572)*, ed. cit., 320 pensa que esse afastamento foi definitivo. Pelos motivos que expomos, não cremos que assim o tivesse sido. ainda que aceitemos que S. de Moraes não terá voltado a ocupar qualquer cargo ou função no colégio de Parma.

II - Se é certo que, infelizmente, não sabemos quem e o que determinou a escolha de Sebastião de Moraes, que andaria então pelos seus trinta anos²², como o confessor que Maria de Portugal (então com vinte e sete anos) levaria para Parma, os termos com que se lhe refere a princesa nas notas que escreveu, antes de partir de Lisboa, para valerem como testamento, poderiam, no seu estilo extremamente afectuoso, indicar um conhecimento antigo, uma relação mesmo de afecto e admiração que os anos não terão feito mais que consolidar. E recordá-las aqui pode, como já aludimos, permitir preencher, senão com factos, com afecto esses anos que vão, sem retorno, de Lisboa a Parma.

Com efeito, se em 9.9.1565, dias antes de partir, pode escrever que «se noso Senhor ordenar que eu acabe ficará elle muito desconsolado e fora de sua natureza peço a Iffante minha Senhora e a meus irmãos que mandem por elle e lhe fação toda a caridade e o tratem muito amorosamente»²³, dez anos mais tarde, no seu testamento de 18.12.1575, não só mantém esse anterior tom de «lembrança», mas confessa que lhe deve muito «porque com elle tenho communicado minhas obrigações e tudo o que toca minha consciência». E mais: «quero que tudo o que eile disser e lembrar a Suas excellencias, e a Iffante minha Senhora e ao Senhor Dom Duarte se cumpra ainda que seja couza que não este declarada nas lembranças ou apontamentos que deixo e havendo alguma duvida neste testamento, ou nos apontamentos me remeto ao que o Padre afirmar que he minha vontade...»²⁴. E em uma nota ao mesmo testamento, das aprovadas em 1577, confirmando essa confiança plena e gratidão que os anos não desmentiram, manda, visto que «não se lhe pode fazer cousa que elle muito mais não mereça», que «a Iffante minha Senhora mande dar aos seus parentes mais chegados, quinhentos cruzados como lhe parecer que o padre terá mais gosto»²⁵. Possivelmente, foi esta a «lembrança» que o Padre Moraes,

²² A data de nascimento de Sebastião de Moraes, no Fundia], em 1534, deduz-se do facto de ter entrado na Companhia com 16 anos, em 1550, e, assim sendo, teria em 1564, quando foi eleito confessor da princesa, 30 anos. Apesar de repetidas desde que D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, III, ed. cit., 695-696 as propôs, cremos que não deverão ser de um rigor absoluto.

²³ Maria de PORTUGAL, *Testamento*, in António Caetano de SOUSA, *Provas do Liv. IV da Historia Genealógica da Casa Real*, II, Lisboa, 1739, 356 (Citaremos sempre esta edição deste documento por *Testamento...*).

²⁴ Maria de PORTUGAL, *Testamento...*, 340.

²⁵ Maria de PORTUGAL, *Testamento...* 346.

recém-chegado de Roma, ao ser-lhe, pela princesa, mostrado o testamento, exigiu que fosse riscada... Antes de morrer, porém, em 30.6.1577, a princesa, revelando essa exigência e a má vontade com que a ela acedeu, confirmará a sua primeira vontade e o sem valor da anulação²⁶. Este pequenos lances de confiança e gratidão, garantindo o que, depois, há-de o próprio confessor - o que o fosse nesse momento, evidentemente — confirmar que a princesa nada fazia sem ouvir o seu confessor ou outra gente eclesiástica - os inquisidores, por exemplo, sobre livros e orações manuscritas que lhe ofereciam²⁷ -, culminam na exigência de uma lembrança das que foi juntando Maria de Portugal ao testamento e que, como as outras, aprovou pouco antes de morrer: «o Príncipe meu Senhor me fará muito grande mercê em mandar que se não abram os meus escritórios e arcas em que tenho papeis senão em presença de meu Confessor e visto pelo seu secretario que não tenho nellas outra cousa dê as chaves ao Confessor, e mande os escritórios e arcas em que tenho papeis a Iffante minha Senhora e ao Senhor D. Duarte a muito bom recado, porque são o mais cartas de Suas Altezas o não queria as visse outrem...»²⁸. É uma declaração tão significativa dessa afectuosa e total confiança que Maria depositava em Sebastião de Morais, como, do ponto de vista que aqui nos interessa, extremamente importante. E por duas razões: por um lado, ficamos a saber que Maria guardava as cartas que recebia da mãe e do irmão - curiosamente, não há referências a cartas de sua irmã, a duquesa de Bragança²⁹ -, confirmando, de certo modo, o que por alguma carta a seu irmão, D. Duarte, sabíamos: a abundante correspondência de este com a princesa de Parma³⁰; e, por outro, que foi graças a essa presença na hora de escrutinar escritórios e arcas que Sebastião Morais pôde ler - e, algum caso, reler - alguns papéis que, dizendo respeito à sua vida particular, a princesa fora guar-

²⁶ Maria de PORTUGAL, *Testamento...*, 352.

²⁷ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 9v.

²⁸ Maria de PORTUGAL, *Testamento...*, 348.

²⁹ Embora não as lográssemos localizar e possam hoje já não existir, algumas cartas terá escrito a duquesa de Bragança a sua irmã, pois esta, em carta que lhe escreve, agradece uma que dela recebeu a acompanhar um «livro de horas» que tinha pertencido à mãe, a infante Isabel. Conf., Mana de PORTUGAL, *Carta... para sua irmã...*, in António Caetano de SOUSA, *Provas do Liv. IV da História Genealógica da Casa Real...*, ed. cit., 330-333.

³⁰ Maria de PORTUGAL, *Carta para seu irmão o Senhor D. Duarte...* in António Caetano de SOUSA, *Provas do Liv. IV da História Genealógica da Casa Real...*, ed. cit., 333; «Tenho meu Senhor mil cartas vosas a que vos não tenho respondido...».

dando cuidadosamente. Destes, a maioria, como declara Maria, seria correspondência recebida de seus familiares e, entre esta, poderia nomear-se aquela «longa lettera scritta sopra la vita, e la morte di detto Signore» [D. Duarte] que o próprio confessor traduzirá «in volgare italiano» e se encarregará de divulgar³¹; outros, «lembranças» de suas últimas vontades que depois foi inserindo e fazendo aprovar no seu testamento; outros ainda deveriam constituir as notas - «apontamentos» - que tomava de leituras e sermões, havendo, neste caso que referir as suas notas sobre a Paixão, talvez a segundo S. João, que ela sabia de memória³²... Quase todos estes «papéis» apareceram, como se sabe, juntamente com um «memorial» ou «regra de vida cristã» formado pelos princípios que a princesa estabeleceu como norte da sua vida e que, por sinal de memória e de intimidade, trazia, permanentemente, escondido no seio. O que, ao parecer, o próprio confessor ignorava... Terão essas arcas e escritórios com os seus papéis e cartas vindo para Portugal como era a vontade da princesa? A pergunta é mais do que legítima não só por esta última razão, mas também, porque, num lance de confiança e esperança final no seu confessor, Maria, nesse 30.6.1577, isto é, cerca de uma semana antes de morrer, pedia a Alexandre que lhe fizesse «mercê de não deizar partir o Padre Sebastiam de Moraes de Parma sem primeiro ficar de lodo cumprido o [seu] testamento»³³. Terão regressado com o antigo confessor em Outubro de 1580? Desde meados de Junho, eram maus dias para entrar em Lisboa com arcas

³¹ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 23v-24r: segundo C. SOMMERVOGEL, *Bibliothèque de la Compagnie de Jésus...*, ed. cit., V, 1279-1280, a referida carta foi editada, juntamente com a *Vita e Morte della Serenissima Principessa di Parma e Piacenza*, Roma, Eredi di Antonio Blado, 1578, com o título de *Relazione dell'infirmità e morte del Sereniss. S. Don Duarte, cuginio del Re di Portogallo, e fratello della Serenissima Principessa di Parma e Piacenza* e em Milão, Pacif. Ponzio, 1578; depois, novamente, em Veneza, apresso i Gioliti, 1584. Desta relação que curiosas coincidências apresenta com a *Vita e Morte...*, existem várias cópias ms.. como a tardia (1798) que se guarda na B. P. M. R (Cód. 678) numa coleção de *Memorias Políticas que contem factos e sucessos...*, 236-267: *Relação de tudo que se passou na doença e morte em Evora do Senhor D. Duarte, filho do Infante D. Duarte, e da Infante D. Isabel, irmã do Duque de Bragança*. Será seu autor o P. Gaspar Gonçalves que foi confessor do príncipe e que terá ido a Vila Viçosa expressamente para consolar a duquesa Catarina de Bragança pela morte de sua irmã, a princesa de Parma? Conf. D. Barbosa MACHADO, *Bibliotheca Lusitana*, II, 354-355.

³² Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 16r.

³³ Maria de PORTUGAL, *Testamento...*, 352.

e escritórios... Mesmo para quem, como provincial dos considerados pouco «fiéis» jesuítas à causa de Espanha, tinha ainda que ir cumprimentar o novo rei, Filipe II, antes que deixasse Badajoz³⁴.

Curiosamente, de Sebastião de Moraes que, como sabemos, professou «casos» no colégio de Parma, escreveu ou esboçou algumas obras de teologia moral que, se não se perderam, não parecem ter merecido qualquer atenção especial³⁵, conhecemos, dentre as muitas que escreveu³⁶, quatro preciosas cartas desse período de cerca de catorze anos (1566-1580) que poderemos dizer parmense. E não deixa de ter algum interesse saber que duas delas foram escritas nos primeiros tempos da sua chegada a Parma e, a última, uma semana depois da morte da princesa e, estamos em crer, podem funcionar, até certo ponto, como parte da moldura da gratidão e afecto que, como vimos, é consagrado, em palavras e em gestos, nas suas «últimas vontades» de Maria de Portugal em relação ao seu confessor. São estas quatro cartas que nos propomos analisar, já que são, tanto quanto sabemos, os testemunhos mais vivos de alguém que conheceu a princesa e, porque seu confessor, desde pontos de vista que terão escapado a muitos contemporâneos e familiares, mesmo íntimos.

III - A primeira carta, conservada na valiosíssima colecção de cartas dos padres da Companhia de Jesus da Biblioteca Pública e Arquivo Distrital de Évora (Cod. CVIII/2-2, fol. 221v-222v) foi enviada de Parma ao Padre Luis de Perpinhão em 1566 ou 1567 nela se refere a morte do Padre Pedro de Perpinhão, o célebre irmão do destinatário, falecido em 28.10. 1566, com trinta e cinco anos³⁷, o que não permite aceitar a datação que traz a cópia:

³⁴ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, ed. cit., II, 2, 436; H. KAMEN, *Felipe de España*, Madrid, 1997, 181; Francisco CAEIRO, *O Arquiduque Alberto de Áustria - História e Arte*, Lisboa, 1961, 211.

³⁵ Carlos SOMMERVOGEL, *Bibliothèque de Ila Compagnie de Jésus*, ed. cit., V, 1279-1280, informa que Sebastião de Moraes escreveu sobre *De Excommunicatione...*, *De Interdito...*, *de Iregularitate...* *De Sacramentis in genere...* *De Eucharistia, Poenitentia et Matrimonio...*, escritos que estavam em Évora..., e que, outrora, o *Tratctatus de Censuris* se encontrava no Arquivo da Companhia em Roma, existindo, porém, um exemplar de 245 fols. na Biblioteca de Salamanca.

³⁶ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, I, 1, ed. cit., 394, 397; II, 2, 143, 450, *et passim* assinala algumas das que escreveu, enquanto provincial, em função de delicadas questões e circunstâncias.

³⁷ Francisco RODRIGUES. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, I, I, ed. cit., 456.

5. 4.1566. Além disso, em Abril ainda o Padre Moraes não tinha chegado a Parma. Esta missiva enviada a esse discreto jesuíta valenciano (Elche) que, tal como o seu irmão, deve ter entrado na Companhia em Portugal³⁸, é constituída por uma série de notícias, escritas em tom exaltante, sobre a morte de um pregador, companheiro de ambos no instituto de Inácio de Loyola, de quem «hum português honrado», de passagem por Parma, testemunhou alguns sermões e a luta de um outro português contra os calvinistas por ocasião de um motim em Paris. Apesar de não ser fácil datar os acontecimentos, retenhamos aqui esta carta, pois, mesmo que não tenha qualquer relação com a princesa de Parma, aponta a um tema - a expansão da Reforma na Europa e o seu combate pela *Societas Iesus* - que, com matizes e motivos complementares, há-de atravessar as outras duas cartas.

A segunda carta foi escrita em Parma em 16 de Agosto de 1566 «pera hum Padre de S. Roque» em Lisboa. O destinatário ainda não foi identificado, mas a carta conheceu uma certa divulgação, pois dela se encontram cópias na mesma colecção de cartas dos Padres da Companhia que guarda a Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora (Cod. CVIII/2-3, fol. 228v-233v e CVIII/2-5, fol. 573v-577v) e ainda na Biblioteca Pública Municipal do Porto (Ms. 554) incluída, como se sabe, num significativamente intitulado *Memorial de Varias Cartas e cousas de Edificação dos da Companhia pera uso e proveyto spiritual dos Noviços vendo o Exemplo dos Antigos* que, começado a ser copiado nos fins do século XVI ainda contém alguns documentos dos dois primeiros anos de Seiscentos³⁹. Curiosamente, estas cópias, para além da circulação que, habitualmente, a Companhia garantia a tais textos, parecem indiciar a divulgação que o próprio Sebastião de Moraes desejou para a sua epístola, pois ele mesmo a termina pedindo ao destinatário que «[guarde] esta carta melhor depois que a ler até que á mande aos irmãos de Coimbra e dos outros Collegios que a quizerem ver...»⁴⁰.

Esta carta, como resulta do seu *incipit* - «Continuando com a derradeira que foi a nossa partida...»⁴¹ -, não foi a primeira que o Padre Moraes

³⁸ Francisco RODRIGUES, *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal...*, I, 1, ed. cit, 455-456, nº 4.

³⁹ António FRANCO, *Imagem da Virtude em o Noviciado da Companhia de Jesus em o Real Colégio de Jesus de Coimbra...*, ed. cit., I, 1, 43, 105-106, publica apenas alguns extratos desta carta.

⁴⁰ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 69.

⁴¹ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 60.

escreveu desde que partiu de Lisboa... Em uma das anteriores, já teria até tratado do «estado» em que, do ponto de vista religioso, se encontrava a Alemanha, pois ele mesmo o diz ao remeter para carta anterior: «fomonos a pequenas jornadas apartando da baixa Alemanha e de boa vontade nos apartavamos della por a terra estar tão mal como escrevi a Vossa Reverencia...»⁴². Estas duas marcas de continuação de uma correspondência servem também para nos garantir que, como a presente, a anterior estava centrada no registo do itinerário da princesa de Lisboa a Parma. E nada custa sugerir que, como acontecerá com outra carta sua, nela registasse alguns acontecimentos que há-de recordar na sua carta que se conhece como *Vita e Morte* da princesa... E essa missiva, desde este ponto de vista, terá sido a última, já que, cerca de um mês e meio depois da entrada de Maria de Portugal em Parma (24.6.1566) se ocupa em evocar a viagem de Bruxelas à cidade ducal dos Farnese.

De Bruxelas, em 10 de Maio, por Aquisgrana, Colónia - e, navegando pelo Reno - Augusta e, fazendo o confessor um desvio a Delingua, Spira, Espruach, Trento, Lago de Garda, vieram, em 24 de Junho, a «buscar esta parma e esta perlacencia ceno com tanto trabalho que merecia boa palma»... Deixando, de momento, a questão deste itinerário, ponhamos, entre os trabalhos de viagem, o caminhar «cedo e a tarde e não tão pouco que eram 4,5 legoas Tudescas que são tamanhas como não sei que»⁴³... Pela «baixa Alemanha» vieram gozando - a palavra é sua - «o bem daquella terra porque as manhãs por que mais que madrugavamos achavamos os rouxinois polas estradas e nos bosques...», esses bosques «que [...] ha mui frescos en toda a Alemanha assi alta como baixa»⁴⁴... Depois de Colónia, foram «algumas jornadas em barcas polo Rio Reno que he o mais ameno e fertil que ha no mundo porque todas as ribeiras fraldas das serras de huma parte e doutra estão occupadas de vinhas e bosques»⁴⁵. Apesar de, ao parecer, algum receio ter impedido o Padre Morais de dis-

⁴² Sebastião de MORAIS, *Carta peia hum Padre de Sam Roque...*, 61. Evidentemente, a leitura que propomos implica que esta última marca de referência a correspondência anterior - «como escrevi a V. Reverencia...» - remete para o que disse sobre o estado em que se encontrava a Alemanha, mas se assim não for, e essa marca se reportar ao que se segue, para nós aqui tem o mesmo valor de alusão a outra ou outras cartas anteriores.

⁴³ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 61.

⁴⁴ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 61.

⁴⁵ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 63.

frutar plenamente da beleza das margens do Reno, pois, como confessa, «eu folgava mais de por terra ao longo do rio porque vinha mui impetuoso para baixo e os barqueiros não devagar», não deixou de anotar, com admiração, que «esta este rio acompanhado de huma parte e doutra de muitas Cidades e Vilas, e muitos Castelos polos altos e as vezes no meio do rio todos mui fortes e mui bem assentados e isto a cada duas tres quatro legoas e em muitas partes a cada legoa a cada meia legoa»... Nada admira que para transmitir a impressão forte que lhe deixou este troço nada tenha encontrado de melhor, como denota o esforço estilístico da sua redação, que rematar: «parece couza pintada»⁴⁶. «Desta boa terra», de acordo com as etapas que já referimos, veio a princesa e a sua comitiva às «ribeiras do Lago de Guarda que são mui frescas e à laranjas e cidras, etc.»⁴⁷ onde descansaram uns dias, tendo o jesuíta, que o conta com uma seriedade um tanto divertida, pernoitado «hum dia e noite» no convento franciscano, em «huma camera pintada de gerras de Escotistas e Thomistas» ou não tivesse aí «florecido» «o grande Escotista Liqueto». Esse convento está situado numa ilha no meio do lago e aí visitou a gruta em que celebrava S. Bernardino, «lugar amenissimo e mui apto para contemplação e estudos»⁴⁸... Guardemos, para outra ocasião, os comentários a esta notável atenção - que é toda uma sensibilidade - à paisagem europeia por um português da segunda metade de Quinhentos, mas retenhamos ainda que, essa «boa peregrinação para curiosos de ver mundo»⁴⁹... que termina nessa «bela Lombardia» ou «gavada Lombardia», parece não só tê-lo confirmado no seu desengano do mundo⁵⁰, mas também tê-lo levado a reflectir na sua recen-

⁴⁶ Sebastião de MORAIS, *Carta para hum Padre de Sam Roque...*, 63.

⁴⁷ Sebastião de MORAIS, *Carta para hum Padre de Sam Roque...*, 68.

⁴⁸ Sebastião de MORAIS, *Carta para hum Padre de Sam Roque...*, 68.

⁴⁹ Sebastião de MORAIS, *Carta para hum Padre de Sam Roque...*, 60.

⁵⁰ Sebastião de MORAIS, *Carta para hum Padre de Sam Roque...*, 60: «...e parte da bèla Lombardia, boa peregrinação para curiosos de ver mundo mas bemaventurado quem menos ve e sabe delle. Nem veio que bem se sigua de o ver senão he aborrecelo conhecendo qual he. Diga Vossa Reverencia ao Padre Ignatio que brade bem por esses pulpitos e se aqueixe como não são sanctos os que virão o Mundo e tratarão no passo...». Inácio Martins, célebre pregador e não menos célebre «padre da doutrina» no Portugal da segunda metade de Quinhentos, fora, como lembramos, discípulo do Padre Moraes na promoção a Mestre em Artes (1556), e a sua morte (1598), sempre referida em memórias do tempo, vem igualmente relatada em carta conservada no mesmo *Memorial de cartas e cousas de edificação...* (115-124).

tíssima experiência da vida de corte - nas com que foi contactando ao atravessar a Europa germânica e, talvez, sobretudo, num principado italiano como o de Parma... E ele, que só conhecia a corte de Lisboa... e as teorias de D. António de Guevara no *Relox de Príncipes*, sente-se já capaz de lhe «fazer numa boa addição»⁵¹.

Depois, Sebastião de Moraes vai recordando outros aspectos que mais lhe chamaram a atenção nessa travessia da Europa e destes teremos que destacar a impressão que terá causado a este católico, português e jesuíta, cruzar, durante mais de um mês, terras de «herejes»... Os próprios rouxinóis, a ele que, como vimos, tão sensível se mostrou às belezas naturais dessas terras, não parece que, «polas estradas e nos bosques», cantassem, «com suas suavissimas musicas», mais que *Ite foelices*, com brados que significavam *Fugite crudelles terras et littres avarum, etc.*⁵². Por isso, se quando passa em Colónia não deixa de dar graças a Deus, porque «foi ja esta cidade mais abundante de Herejes do que agora he»⁵³, ao atravessar o Saxe achou, como os outros portugueses, devia de rir-se do conde palatino do Reno que, sendo hereje, disse à princesa que «rogaria a Deos que lhe desse boa viagem...»⁵⁴. Naturalmente, sentimo-lo desolado ao saber que um conde alemão que se converteu, secretamente, ao catolicismo, tem «as terras todas perdidas» para a heresia⁵⁵... Spira, embora ele soubesse ser cidade igualmente perdida, pareceu-lhe, contudo, então, algo «remediada», ainda que tivesse achado que fazia jus à sua fama de ser a «mais soberba esta gente de toda a Alemanha...»⁵⁶.

Por ignorância, certamente, não sabemos de quem dependeu, na hora das decisões, a eleição do itinerário da princesa. O caminho normal de Bruxelas a Parma? Se assim era, a princesa e a sua comitiva, começando pelo seu confessor, ficou encantada com a rota de relíquias que o caminho se revelou... Ou, por qualquer motivo, foi traçado um itinerário - ou parte de um itinerário - especial? Algum pormenor da viagem poderia

⁵¹ Sebastião de MORAIS, *Carta peia hum Padre de Sam Roque...*, 61: «Eu cuidava que erão palavras e graças o que escreve o eloquente espanhol Guevara no seu Relógio dos Príncipes das misérias e trabalhos dos Cortezãos mas ia sei que he mais do que dizem e bem podia fazer huma boa addição a sua obra ainda que não podia chegar ao seu estilo e eloquencia...».

⁵² Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 61.

⁵³ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 62.

⁵⁴ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 64.

⁵⁵ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 65.

⁵⁶ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 66.

sugeri-lo. Com efeito, Sebastião de Moraes e ao escrever: «caminhando nosso caminho por Augusta para a princesa ahi ver o Emperador e a Imperatris»⁵⁷ parece deixar entender que a princesa passou por essa cidade com a precisa finalidade de visitar os imperadores... Se assim não foi, e a princesa tiver tido algum voto no trajecto escolhido, nada custa a pensar que a visita de relíquias tenha pesado no percurso estabelecido, pois, por exemplo, em Colónia, cidade abundante em relíquias, a princesa «si trattenne assai, solo per visitarle»⁵⁸... De todos os modos, as relíquias se não determinaram, obrigaram a paragens... Em Aquisgrana, o «riquissimo thesouro de Reliquias que ha na See», por ordem do bispo, foi mostrado à princesa⁵⁹..., um «grande favor», já que tal tesouro só se abre de sete em sete anos⁶⁰. Já em Parma, meses depois, recordando-o, o padre confessor ainda escrevia: «consolome com o que vi e quero que me dure o gosto enquanto escrevo...», o que traduz a forte emoção então sentida. Agora e em outras ocasiões, passaremos, evidentemente, por alto as descrições das relíquias contempladas, mas destacaremos aqui que a princesa, «como todos», diante de «o pano inteiro» que envolveu Cristo depois de morto, se comoveu fortemente, a ponto de ter rogado ao confessor «que tomasse hum fio pequenino», o que ele fez, «meio com vontade dos conegos meio sem vontade»... O mesmo se há-de dizer dos «coeirinhos com que envolveo Nossa Senhora o Menino Jesu», feitos de umas «calças de Sam Joseph»⁶¹... Os beijos com que a princesa os cobriu, deverão ter sido tantos como os que o confessor lhes deu - «não me fartava de os beijar e tocar com a boca»⁶² —, pois confessou a princesa que «quizera levar hum bocado», o que não fez por escrúpulo... E o confessor, ainda que em redação um tanto ambígua, comenta que «não perdoara a tanta gulodice»... E a emoção destas recordações sobreviverá mais de uma década, pois a voltará a viver, um pouco mais resumidamente, mas com os mesmos termos, na carta em que há-de evocar a vida e morte de Maria de Portugal... Em Colónia, cidade «riqua desta mercadoria» - onze anos depois dirá «copiosissima di cosi degne ricchezza»⁶³

⁵⁷ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 64.

⁵⁸ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 10r.

⁵⁹ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 61.

⁶⁰ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 62.

⁶¹ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 62.

⁶² Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 62.

⁶³ Sebastião de MORAIS, *Vira...*, 10r.

-, visitaram «algumas que todas não era possível senão em muitos dias», começando pela «igreja maior», ainda não acabada, onde «estam enterrados os corpos dos tres Reis Magos»... Depois, as de Santa Úrsula e da sua «Angelica companhia», cujo templo «esta todo armado da mais riqua trapecaria que pode aver no mundo»... Depois a capela dos sete Macabeus, que é «o próprio lugar onde foi o martirio das onze mil virgens»... Depois... Não continuemos, mas sublinhemos que se Sebastião de Moraes, na capela da Arca do templo dedicado a Santa Úrsula, «disse missa com muita consolação de [sua] alma, porque tem aquella Capela algum influxo do ceo de devação»⁶⁴, alguns portugueses, com mais ou menos escrúpulos, levavam a sua devoção ao ponto de furtarem relíquias... O confessor, naturalmente, «feito o furto lhes perdova»⁶⁵... A princesa que, como vimos, também teve destas devotas tentações..., não logrou aqui, por razões várias, levar consigo relíquias cobiçadas e oferecidas⁶⁶... Em Delingua, onde o foi visitar, em nome da princesa, o cardeal de Augusta mostrou ao jesuíta português o «seu thesouro de Reliquias que era de pasmar»... Avaro dessas suas jóias, o cardeal nada ofereceu nem à princesa nem ao seu confessor⁶⁷ que nunca se esquece de quanto viria bem alguma relíquia para S. Roque de Lisboa⁶⁸, essa igreja que ainda não tinha recebido a famosa coleção que D. Juan de Borja, o filho de Francisco de Borja, logrará formar precisamente durante a sua embaixada na Alemanha⁶⁹... Em Espruach, «que he hum mui linda terra» e «cidade mui fresca», viu uma hóstia, «com golas de sangue nella», que testemnunha o castigo, haverá «alguns duzentos annos», de um soberbo senhor de um castelo da região⁷⁰... Até Trento poderia ser considerada nesta série como uma relíquia mais, já que aí «também [se consolou] muito de ver aquelle lugar onde ouve tão special assistencia do Spirito Sancto, etc.»⁷¹.

⁶⁴ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 63.

⁶⁵ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 63.

⁶⁶ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 63.

⁶⁷ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 65.

⁶⁸ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 63.

⁶⁹ J. M. de Queiroz VELLOSO, *D. Francisca de Aragão*, Barcelos, 1931, 104-106, páginas em que recorda a *Relaçam do Solenne Recebimento que se fez em Lisboa ás Santas Relíquias, que se levaram á Igreja de S. Roque da Companhia de Jesus aos 25 de janeiro de 1588*, Lisboa, António Ribeiro, 1588.

⁷⁰ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 67.

⁷¹ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 68.

Apesar de atravessar terras «de hereges», a princesa, «todos os dias ouvia missão, se não forão alguns dias pouquos que se não pode fazer mais»⁷²... Concretamente, aqui, o confessor não explica as dificuldades, mas, mais tarde, ao recordar estes dias à luz da morte da princesa, lembrará que, algumas vezes, tiveram que pôr guardas dado o receio de hostilidades... De todos os modos, como vimos, em Colónia, Sebastião de Moraes celebrou «com muita consolação de [sua] alma», na capela de santa Úrsula⁷³. Em Augusta, o padre jesuíta ajudou outros companheiros seus, entre eles Pedro Canísio, nas confissões e no distribuir a comunhão⁷⁴...

Na mesma linha estão as referências esporádicas que faz a imagens de santos, com particular relevo para «huma imagem de Nossa Senhora que falou a Sam Bernardo» aprovando as saudações que, com os termos que depois consagraram a *Salve, Regina*, o santo se lhe dirigiu. A imagem venera-se em Spira, e o milagre «he couza tão certa que confissão os mesmos hereges»... E se nos lembrarmos que essas terras estavam quase «perdidas» e eram da «mais soberba gente de toda a Alemanha», poderemos compreender que, por tudo isso, «faz notável devoção vela»⁷⁵.

O que impressiona nesta longa evocação é que esses tesouros, lugares, devoções e práticas de culto e sacramentos são nela, antes de mais, sinais de fronteira - de cristandade que não de cristandades - erguida sobre o afecto - «Consolo-me...», «consolei-me»..., «consolou-me»..., «muita consolação»..., «notável devoção»..., «por me consolar»⁷⁶..., formas de um passado sempre afectuosamente recordado... - que o leva a venerar - talvez fosse melhor dizer amar - esses testemunhos de uma história que sabe desprezados por essas terras por onde vai passando... E essa fronteira foi-lhe tão sensível como a diferença entre o Inferno e o Paraíso e assim a

⁷² Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...* 64.

⁷³ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 66.

⁷⁴ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 66.

⁷⁵ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 66.

⁷⁶ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*: «consolome com o que vi e quero que me dure o gosto emquanto escrevo...» (62); «aqui disse Missa com muita consolação de minha alma...» (63); «por entre esta boa gente [das terras do duque de Olemters?] viemos caminhando todavia consolavame que os via frios e pouco zelozos de sua seita...» (64); «me fui com o Padre a Delingua por me consolar e ver hum nosso Collegio que ali tem leito o Cardeal...» (64); «Muito me consolei com o Padre Doutor Canisio...» (67); «também me consolei muito de ver aquelle lugar onde ouve tão special assistencia do Spirito Sancto...» (68) ...

pôde fazer visível e evidente ao seu correspondente: «o Duque de Bavaira era dos Catholicos e mui Catholico que quando em suas terras entramos parece que saimos do Inferno e entravamos no Parayso...»⁷⁷. E, para o confessor, a pauta para reconhecer o Paraíso poderia mesmo identificar-se com a Península Ibérica, pois, se em Colónia a Companhia tem «hum collegio de bom numero e doutos e tem muitos estudantes que se confessão com tanta diligencia como em qualquer collegio da Companhia em Portugal...»⁷⁸, se Delingua onde há, sob a égide da Companhia, «hum bom collegio e universidade», «he outra Évora sem falta»⁷⁹, em Augusta, na igreja maior, em domingo do Espírito Santo, Sebastião de Moraes sentiu-se em «huma terra de Espanha»⁸⁰...

Compreende-se que, nesta carta que ele desejava ver divulgada por outras casas da Companhia, o jesuita não pudesse esquecer o papel que no que lhe pareceriam ser sinais de uma reconversão de muito da Alemanha ao catolicismo tinham os seus companheiros jesuitas - «os nossos»⁸¹... -, apoiados por bons príncipes e por «amigos»... Com efeito, crê que «com Deos dar alguns bons principes e catholicos em Alemanha que toda sera remediada, porque quase todos estão como forçados e não se entendem. E fora daquelle fervor heretico...»⁸², deposita muitas dessas esperanças no cardeal de Augusta «tão noso amigo e tão zelozo»... E assim, essa carta que deixa entrever os companheiros de Inácio, entre eles alguns portugueses ou que estiveram em Portugal⁸³, a cruzarem a Alemanha⁸⁴, aponta com atenção o papel de Pedro Canísio — com quem «muito me consolei»⁸⁵ - em Augusta como exemplo e base da sua esperança «em Deos que ei de ver ou ouvir se redus Alemanha porque veio que muitos Padres da Companhia e que muito tem feito nela...»⁸⁶. E Trento, como já se terá dedu-

⁷⁷ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 65.

⁷⁸ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 62.

⁷⁹ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 64.

⁸⁰ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 66.

⁸¹ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 65.

⁸² Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 64.

⁸³ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...: na Alemanha encontrou «O Padre Pais que esteve não a muito em Portugal...»* (67) e, em Parma, o Padre Gaspar Rodrigues (69).

⁸⁴ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 64, 67.

⁸⁵ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 65.

⁸⁶ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 65; também

zido de uma referência anterior, aparece-lhe como o lugar onde se consagrou, por «especial assistencia do Spirito Sancto», esse triunfo da religião. Lastimemos, como faz o jesuíta português, que a princesa e os seus acompanhantes não tivessem conseguido, como desejavam, festejar o *Corpus Christi* em Trento⁸⁷ - tiveram a festa numa «Vila a quem huma jornada do Arceduke de Austria» -, pois, nesse caso, todos os símbolos de triunfo se reuniam nessa referência a essa cidade do Alto Adige quase no final desta cana... Compreendemos melhor que nessa carta em que «[vai] soltando o que [andou] passeando» e escrita para informação e confirmação dos seus companheiros portugueses, Sebastião de Moraes possa dizer: «consolome com o que vi e quero me dure o gosto emquanto escrevo»⁸⁸ ... A emoção desse presente ainda se expressará, alguma vez pelas mesmas palavras, onze anos depois... Mas então será pura recordação.

A terceira carta escrita de Parma, foi enviada a Francisco de Borgia, então Geral da Companhia de Jesus, em 6.11.1570⁸⁹. Verdadeiramente, mais do que uma carta é um «aviso» acerca de notícias que, chegadas, com alguma insistência, desde Portugal, especialmente através da correspondência da infanta Isabel de Bragança com sua filha, a princesa de Parma, acerca da acção e posição do Padre Luis Gonçalves da Câmara, S. J., junto de D. Sebastião... Segundo a infanta, o jesuíta português é quem «governa il regno»..., circunstâncias e boatos para que, com mil prudências, chama Sebastião de Moraes a atenção do seu Geral, sugerindo mesmo uma intervenção para pôr cobro num assunto que, como se sabe, teve ampla repercussão na política desses dias⁹⁰ ...

A quarta e última carta parmense do padre confessor da princesa Maria

em Augusta, «as Igrejas dos catholicos são frequentadas e celebrão seus divinos officios, tem aqui muito feito os nossos... (66).

⁸⁷ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 68.

⁸⁸ Sebastião de MORAIS, *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 61.

⁸⁹ Mário SCADUTO, *Storia della Campagna di Gesù in Italia, V, (L'opera di Francesco Borgia, 1565-1572)*, ed. cit., 320-321 publica um extracto e o resumo do respectivo texto.

⁹⁰ Queiroz VELLOSO, *D. Sebastião (1554-1578)*, Lisboa, 1945, abunda em documentação sobre a presença e influência de Luis Gonçalves da Câmara junto do rei e faz alguma vez a síntese dessa influência (99-100). Pelas datas, parece ser possível sugerir que a carta do Padre Moraes se refere à polémica questão da nomeação do irmão do mestre e confessor do rei, P. Martim Gonçalves da Câmara, como Escrivão da Pureza (Queiroz VELLOSO, *D. Sebastião...*, ed. cit., 119-120, 137, *et passim*).

foi escrita em Parma em 15 de julho de 1577, isto é, um semana depois da morte da princesa. Escrita em italiano, dirigida «ad una prencipale Signora», dir-se-ia ser uma carta de resposta. Com efeito, Sebastião de Moraes declara a essa sua correspondente que «per sodisfare al ragionevol desiderio di V. S. e per sua e mia consolatione, le scrivo alcuni partocolari della vita, e della morte de la Signora Prencipessa di Parma, e Piacenza. di fel. mem...»⁹¹. Aceitemos que, apesar de sabermos que essas fórmulas de estilo enunciativas de resposta remetem para códigos retóricos que, frequentemente, por sua vez, apenas servem para expressar humildade ou desculpar a ousadia de ter tomado a iniciativa de escrever, essa declaração alude, efetivamente, para uma «pergunta»... Ignora-se — eu, pelo menos — quem tenha sido a destinatária da carta — uma das melhores candidatas, a condessa Giulia Sanseverino que, alguma vez, foi intermediária da correspondência da princesa com André Avelino, tinha sido assassinada em Marco de 1577-, mas podemos estar certos de que, tendo ou não escrito ao confessor a indagar das circunstâncias da morte da princesa, era alguém que, tal como o padre, se «consolava» com as notícias e recordações que lhe enviava⁹². Uma cena intimidade? Conhecimento e admiração, sem dúvida. Foi esta, como se sabe, a origem da obra que corre como *Vita, e Morte della Serenissima Prencipessa di Parma e Piacenza* (Bologna, Milão, Roma, 1578)... Por isso, como também é notório, o seu texto indica claramente que se trata de uma *Lettera scritta dal R. P. Confessore della Serenissima Prencipessa di Parma ad una prencipale Signora sopra la vita e la morte di sua Alteza*... Uma carta de o confessor: mais do que sugerir uma unicidade que sabemos não existiu, a individualização fornece a garantia autorizada da verdade...

E, como teremos, certamente, dado conta, se a palavra «consolo» serve de traço de união imediato com a carta anterior, haverá que anotar, como aliás já sugerimos, que esta carta é atravessada pela recordação... Uma recordação que se conjuga em todos os tempos e aproveita todas os modos para se fixar... E que não guarda uma ordem precisa... «le scrivo alcuni particolari della vita, e della morte... - continua o *incipit* - in quel modo e con quel ordine, o confusione, che mi verrà à memoria»... Com efeito, a única «ordem» que guarda é a de contar no fim o que foi o fim: a ago-

⁹¹ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 5r.

⁹² Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 5v, afirma ainda, no mesmo registo de afectividade, que a leitura do «memorial de vida» da princesa que foi encontrado depois da sua morte, «sarà gratissima, e che ne resterà molto consolata».

nia e morte de Maria de Portugal... Tudo o resto são recordações e recordações de recordações. Da princesa..., dele próprio..., de outros... Por isso, as marcas do discurso rememorativo - «cose di lei, che mi sovengono...», «ond'io mi ricordo...», «notabile cosa che mi soviene...», «una volta mi ricordo...», «io non mi ricordo...», «mi ricordo haver sentito...», «di questo son ben certo...» - perpassam, organizando-a, toda a essa longa missiva. Se, por vezes, a recordação está datada - «el venerdì santo passato...», «diró [...] quello, che lei [...] mi disse tre gioni prima che la morisse...», «e mi disse quella notte...», «l'anno passato, col mezzo della sua autorità...», «non e molto, ch'una nobile gentildonna [...] mi disse...», «essendo io venuto poço fa da Roma...», «Sua Alteza mi disse al principio di Giugno...» - e em outras surgem as marcas de uma confidencialidade - «Dopo mi raccontò alcune cose di quel Prencipe suo fratello, cosi rare come io ne habia mai sentito, e certamente degne d'essere manifeste al mondo...», «mi ricordo haver sentito dire ad una nobile persona, ch'era sola consapevole di questa cosa...» -, em muitas outras podemos verificar as marcas da sua recordação das recordações da princesa - «Diró una cosa da lei spesse volte udità dire [...] che stando in Portogallo nell'età sua di 15 anni...»... Ainda que algum exemplo anteriormente citado possa ser usado para o mesmo fim, anotemos, finalmente, as marcas da enunciação das recordações que os outros guardavam da princesa: «Diró sol questo, che à me fu detto da un gentilhuomo, che il Signor Prencipe seco ragionando le disse...». Depois de tudo, poderemos admirar-nos quando o vemos repetir o que já contara pouco antes, isto é, repetir as suas recordações⁹³? Se com isso percebermos quanto o impressionou o recordado, melhor perceberemos que nesta sua carta, por vezes, como dissemos, com as mesmas palavras, repita muito do que, onze anos antes, escrevera a esse jesuíta de S. Roque a quem endereçou essa carta anterior.

Naturalmente, as suas revelações enquanto confessor propriamente dito são escassas e incidem apenas sobre dois aspectos - o primeiro, dizendo respeito ao modo do exame de consciência a que procedia a princesa e, depois, ao modo de confessar-se; o segundo, a amplitude do papel que a princesa reservava ao seu confessor. Sobre o primeiro ponto, informa Sebastião de Moraes, como modo de sugerir a profundidade do temor e do desejo de não ofender a Deus, que, cada noite, a princesa, seguindo um hábito que tinha

⁹³ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 10r e 17r, o que, por exemplo, conta da devoção a um crucifixo que, por conselho do confessor, mandou pôr na sua frente junto ao leito.

desde criança, examinava a sua consciência e escrevia os seus pecados... Quando chegava o momento de confessar-se levava os papéis com os números e as indicações das mais mínimas faltas⁹⁴... Para além do que pudesse haver de excessivo neste rigor e preocupação - assim parecia aos seus confessores, como quer Sebastião de Moraes que, mais que por outros, deverá falar por si - a notícia remete-nos a uma prática que podemos também ver seguida pelo seu pai, o infante D. Duarte⁹⁵..., sem que com isto queiramos insinuar qualquer influência directa, já que o infante morreu, com 25 anos, quando Maria de Portugal tinha cerca de 2. É esta «excessiva» preocupação de rigor e os escrúpulos que, geralmente, conleva, que, como quer o próprio confessor, a conduzia a «che in ogni cosa benche minima voleva il parere del confessore...». Naturalmente, quando o confessor - ou os confessores - repreendia esses excessos, ou criticava algo que fizera - de sua livre iniciativa, obviamente -, «la sua riposta era talhora con lagrime», o mesmo sucedendo quando a repreendiam «per faria meritare»⁹⁶... Passemos por alto algum exemplo destas situações que aponta o Padre Moraes, mas não esqueçamos que, para ela que, de acordo com um escrito seu que se descobrirá depois da sua morte, se tinha proposto obedecer em tudo ao seu confessor, como para muitos da sua posição - reis, príncipes, grandes senhores -, o confessor estava chamado a desempenhar um papel que ia muito além da simples administração do sacramento da Penitência... Muitas vezes, como bem se sabe, nem era ao seus confessores - em muitos casos, um título que conservavam *ad honorem* por, alguma vez, o terem sido - que o príncipe se confessava⁹⁷...

⁹⁴ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 8v.

⁹⁵ André de RESENDE, *Vida do Infante D. Duarte*, in *Obras Portuguesas* (Prefácio e notas de José Pereira Tavares), Lisboa, s. a. [1963], 122; «O defeitos e culpas que em si sentia escrevia, por lhe não esquecerem, em hum livrinho cerrado, não por extenso, mas fazia um breve sumário, quanto bastava para ele o entender quando viesse aos confessores, de que ele frequentemente usava e de que dizia receber muita consolação».

⁹⁶ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 8v.

⁹⁷ Georges MINOIS, *Le Confesseur du Roi. Les Directeurs de Conscience sous la Monarchie Française*, Paris, s. a. [1988] e Pedro Miguel LAMET. *Yo te Absuelvo Majestad. Confesores de Reyes y Reinas de España*, s. a. [1991], abordam, desde pontos de vista e metodologias diferentes, a figura aqui evocada. Seria interessante, algum dia, tentar um estudo comparativo dessa figura - do perfil à função, sabendo que esta numa França e numa Espanha não cobria exactamente os mesmos âmbitos e se revestia de diferente publicidade, chegando mesmo em Espanha, nomeadamente na dos Áustrias, a funcionar como um ministro mais para certas matérias.

Compreendemos, então, que a grande maioria das suas recordações esteja destinada, como já insinuamos, a deixar perceber que a «morte de santa» que teve a princesa - permita-se-nos que parafraseemos o próprio confessor que assim classificou, junto de Maria de Portugal, a morte de seu irmão Duarte⁹⁸ - esteve preparada por uma vida de santa, como, explicitamente, ainda que com as consabidas cautelas, dá a entender no final desta carta que analisamos: «Piaccia à nostro Sig. Giesu Christo, concedere gratia à ciascuno di noi, di vivere cosi santamente in questo mondo, che potiamo renderei meritevoli di rivederla in cielo, dove dobbiamo sperare, che hora trionfi questa Signora»... E, assim, recorda gestos, ditos, afectos e obras, isto é, esses «alcuni particolari» que, meros exemplos, podem deixar entrever — «e che mi sera concesso della brevità del tempo»⁹⁹ — o que foi a sua vida. Naturalmente, não é essa vida o que deve ocupar-nos aqui, mas sempre será importante chamar a atenção para o facto de Sebastião de Moraes insistir aqui, agora personalizados e vividos pela princesa, nos mesmos pontos que sublinhara na carta em que descreve a viagem de Bruxelas a Parma: a atenção com que ouvia - e comentava - os sermões¹⁰⁰..., a submissão humilde ao confessor...¹⁰¹, o zelo da Fé que a levava quer a controlar a ortodoxia das orações manuscritas que lhe ofereciam¹⁰², quer a proclamar a sua fé católica¹⁰³..., quer também a rejeitar aqueles que tinha por herejes...¹⁰⁴, quer ainda a procurar, dentro dos condicionalismos do seu estatuto social e estilo de vida, a conversão dos herejes...¹⁰⁵, o desejo de martírio...¹⁰⁶, a reverência às imagens...¹⁰⁷, a profunda

⁹⁸ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 23v.

⁹⁹ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 5r.

¹⁰⁰ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 9r.

¹⁰¹ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 8v.

¹⁰² Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 9v.

¹⁰³ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 13r, aponta, no quadro do empenho de Maria de Portugal em conservar e proclamar a sua Fé, o exemplo da sua devoção a ouvir missa, mesmo quando passava em terras «heréticas», como a «Germania», pois, nesse caso, tinha ordenado «al suo foriero, che quando esse andava a dimandare il passo alli Prencipi, ò alle Republiche, le dicesse, ch'era una Signora catolica, et che con tale voleva potere fare dir Messa...».

¹⁰⁴ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 9r-9v.

¹⁰⁵ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 9v.

¹⁰⁶ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 12v.

¹⁰⁷ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 9v, 10r.

devoção às relíquias...¹⁰⁸, a estima ao hábito religioso...¹⁰⁹, a devoção à Missa¹¹⁰ e a frequência exemplar com que se confessava e comungava...¹¹¹, o amor à Eucaristia traduzida que no acompanhamento do Santíssimo «con esemplare edificazione de i populi»...¹¹², e em labores para o seus altares...¹¹³, as obras de misericórdia...¹¹⁴, sem esquecer, quase como uma pedra de toque teológica anti-luterana, o valor das boas obras unidas aos méritos de Cristo¹¹⁵, etc. Muitos destes pontos vêm recordados com os mesmos factos e quase pelas mesmas palavras com que foram apontados doze anos antes nessas cartas de viagem, ainda que, em algum caso, a memória possa ter traído algum detalhe, sem, contudo, alterar o significado do facto recordado¹¹⁶. E no seu conjunto, a «biografia» da princesa, assim construída, mais que por, sobre este compacto tecido de recordações de evidente carácter alusivo, ganha a dimensão de um manifesto contra-reformista - talvez, melhor até, anti -reformista -, gisado sobre a importância e o significado do papel da princesa cristã (católica, obviamente) no quadro da reconversão - ou, até, mais simplesmente, da conversão - da cristandade. E, por isso, se na carta que escreveu pouco depois de ter che-

¹⁰⁸ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 10r.

¹⁰⁹ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, llv. 12r.

¹¹⁰ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 12v.

¹¹¹ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 8v, 12r.

¹¹² Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 12v.

¹¹³ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 12v.

¹¹⁴ Sebastião de MORAIS, *Vita...* 17v.

¹¹⁵ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 14v-15r.

¹¹⁶ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 10r-10v; «Nella Città d'Aquisgrana piena di cosi degno tesoro si fermò per vederle tutte, et essendole mostrato quel panno, co'l quale fù coperto N. S. in croce, grandemente s'inteneri, et con molta divolione pregò un sacerdote di quelli, che lo mostravano, che volesse dar un picciol filo che pendea, et fù cortesemente compiaciuta, et era da lei con molta riverenza conservato...»; *Carta pera hum Padre de Sam Roque...*, 61-62: «Esta o pano inteiro que cobrio a Christo Nosso senhor naquelle grande desamparo seu e nudeza quando espirou na Crus: foi aqui tanta a devação da Princesa e de todos os que ai estavam que me rogou que lhe tomasse hum fio pequenino e assi o fis meio com vontade dos Conegos meio sem vontade...»; *Vita*, 10r: ...et di là [Colónia] portò alcune teste della compagnia delle undici milla Vergini, et altre Reliquie»; *Carta pera hum Padre de Sam Roque...* 63: «Aqui fez o Padre Reitor [do colégio da Companhia em Colónia] aver huma cabeça per a princesa, e ouvera muitas mas acertou de não ser presente a Abadessa da Sancta que estva fora da cidade sem a qual não se podem dar».

gado a Parma pôde meditar nas suas esperanças no papel que os bons príncipes - isto é, católicos - e a Companhia haverião de ter no «remédio» da Alemanha, percebe-se que agora, doze anos depois, ainda pudesse recordar que «ad alcuni pareva che Dios l'havesse condotta in Italia per la Fian-dra, e per la Germania, acciò che mostrasse cosi fatto essemplio di virtù, et in tempo, che n'era tanto bisogno in quelle bande»¹¹⁷. O que, ao fim e ao cabo, era o seu modo de recordar - pelo affecto, antes de mais - ao leitor o papel providencial do soberano católico... Mas não esqueçamos, como já insinuamos, que o papel do príncipe católico não se define apenas por referência ao «herege», mas também em relação à reforma de vida, isto é, à conversão - em grau e por caminhos diversos - dos próprios católicos, como se pôde verificar pelos frutos da acção exemplar dessa princesa «santa» - dirigida por um jesuíta, mas rodeada por capuchinhos e até por um teatino... - em Parma e em Piacenza, como, aliás, era reconhecido por inquisidores¹¹⁸, teatinos como Santo André de Avellino¹¹⁹...e por ela própria... Com efeito, se Sebastião de Moraes atesta que «co'essemplio suo, ha incaminato gran parte delle sue Donne à confessarsi, e comunicarsi spesso, con riverentia, e divotione, e no solo le sue di corte, mà gran parte di quelle della Città, et similmente molti huomini, i quali essendo da lei adoperati nell'opere pie, si sono con l'essemplio suo dati alla vita spiri-tuale, et frequentano i santissimi sacramenti»¹²⁰, a própria princesa «essendo io venuto poco fa da Roma, ella con molta allegrezza mi dice, voi sentirete gran consolatione, à vedere in questa città quanto si tratta, et come è bene introdotta l'oratione»¹²¹... E o confessor não a desmentiu...

Esta carta, no entanto, abre, como se sabe, com a revelação de que «fra le sue scritte, ch'erano da lei tenute con molte segretezza, se n'è ritrovata una scritta di sua mano, acomodada in modo, che si poteva portare nel seno, la quale essendo da me letta, non senza meraviglia, mi fu ancora di infinita contentezza...»¹²¹... A descoberta deveu-a, precisamente, o jesuíta à disposição testamentária da princesa que exigia que os seus

¹¹⁷ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 12r.

¹¹⁸ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 14v.

¹¹⁹ Andrea AVELLINO, *Lettere...*, ed. cit, I, 77, 179, a Maria de Portugal, Pia-cenza, 5.1.1572.

¹²⁰ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 13v.

¹²¹ Sebastião de MORAIS, *Vila...*, 18v.

¹²² Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 5r-5v.

papéis, guardados nos seus «escritórios e arcas», fossem inventariados em presença o seu confessor¹²³... Nesse pequeno escrito, que Sebastião de Morais, classificando-o, com razão, de «memoriale», transmite, esperando que «ne resterà molto consolata», à dama sua correspondente¹²⁴, deixou Maria de Portugal, no dizer ainda do seu confessor, «un ritratto da se stessa», entendamos, «quale ella fosse, e quanta gratia gli havesse Dio concessa, e communicato, e quanti saldi fondamenti ella havesse fatto nella vita, e perfetione christiana...»¹²⁵. E, sublinha o confessor, o facto de que o «scrivesse, e dichiarasse senza pensarlo» é uma circunstância que confere ao escrito um valor de autenticidade acrescentado. Não discutamos a palavra de Sebastião de Morais, mas sublinhemos que o «memorial» é uma espécie de contra-prova das suas próprias recordações como confessor e testemunha da «perfeita vida cristã» da princesa... Deste modo, nada custa a aceitar que essas suas recordações, transmitidas «con quel ordine, e confusione che mi verrà à memoria», se revelem uma espécie de comentário, por parte de alguém que tinha autoridade e estava magnificamente situado para o fazer, a esse «papel» secreto da princesa... E tudo o recordado acaba por ser a confirmação de que a sua vida foi o cumprimento do seu profundo e constante querer alcançar a perfeição cristã... Por outro nome, ser santa... E como tal morreu...

IV - Estas quatro cartas parmenses escritas por Sebastião de Morais são, certamente, uma amostra de uma correspondência mais vasta, e, na sua variedade, três estão intimamente relacionadas com a princesa de quem era e de que foi o confessor, insinuando, através de pequenos detalhes - confidências..., cumplicidades..., leitura de notícias chegadas de Portugal..., colaboração em algumas obras pias e devoções..., empenho na

¹²³ Maria de PORTUGAL, *Testamento...*, 348.

¹²⁴ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 5r-5v., afirma à sua correspondente que vai copiar o texto *ad verbum*... expressão que deverá querer dizer integralmente, já que quanto à língua não o será, pois não é de crer que Maria utilizasse, para uma «scrittura» tão íntima, o italiano, mas, sim, o português. Logo, o que o confessor transmite é uma tradução do «memorial» que, naturalmente, foi, pelo menos, corregida por alguém com domínio da língua italiana. O mesmo deverá ter acontecido com a carta que recebeu pela princesa *sopra la vita, e la morte* de D. Duarte, seu irmão, e que, algumas vezes, acompanha, em tradução feita por Sebastião de Morais (Conf. *Vila...*, 24r), a edição da *Vita, e Morte della Sernissima Prencipessa di Parma, et Piacenza...*

¹²⁵ Sebastião de MORAIS, *Vita...*, 5r.

reforma de vida em Parma..., etc. -, o apoio que se revelou para Maria de Portugal... Um apoio e confiança que, por sua vez, como anotamos, a princesa não esquece no seu testamento... Infelizmente, não possuímos qualquer indicação sobre as razões mais imediatas - o seu carácter reservado e, talvez, quase consequentemente, um trato não muito fácil, são motivos um tanto longínquos - que determinaram o seu afastamento de Parma e, consequentemente, o seu relevo como confessor principesco. Também ainda não encontramos qualquer indício da reacção da princesa a esse afastamento... De qualquer modo, foi a ele que a princesa fez ler o seu «derradeiro» testamento e encomendou a execução de algumas das suas últimas vontades, entre elas o regresso a Portugal de muitos dos seus papéis e cartas... E, seguramente, foi ainda na qualidade de confessor que terá permanecido em Parma mais algum tempo... Depois, como sabemos, voltou a Portugal e desempenhou durante oito anos o cargo de provincial... E não consta que o tenham feito bispo do Japão para o afastarem de Lisboa... Apesar de não ter sido o primeiro escolhido, a sua nomeação parece, até certo ponto, um modo de dar cumprimento à recomendação da princesa para que o recompensassem os seus méritos e sacrifícios...

José Adriano de Freitas Carvalho